

Como seria o mundo se os homens cisgêneros também menstruassem? Outras abordagens sobre a menstruação no ensino de ciências e biologia

What would the world be like if cisgender men also menstruated? Other approaches to menstruation in science and biology teaching¹

Yonier Alexander Orozco Marín

Doutorando em Educação Científica
e Tecnológica (UFSC)
e-mail: apmusicomano@gmail.com

Suzani Cassiani

Professora titular em Educação
Científica e Tecnológica (UFSC)
e-mail: suzanicassiani@gmail.com

¹ Essa pesquisa teve apoio da CAPES e do CNPq.



Resumo

O trabalho teve por objetivo refletir sobre os desafios e possibilidades para a abordagem da menstruação no ensino de biologia em uma perspectiva de justiça social e discussão de relações de poder, por meio da caracterização dos sentidos mobilizados por estudantes da oitava série de uma escola de Bogotá, Colômbia, no começo e final de uma proposta didática. Reconhecendo que tradicionalmente as temáticas do corpo são abordadas de maneira higienista, determinista e biomédica, trabalhamos em aulas de ciências, com uma proposta didática que permitisse a construção de outros sentidos sobre a menstruação. A caracterização dos sentidos construídos pelo alunado no começo e final da proposta demonstram a importância de problematizar o machismo, conceitos de identidade de gênero, a articulação entre capitalismo e controle do corpo para a formação política do alunado e mudar os olhares sobre a menstruação.

Palavras-chave: Educação menstrual; Educação para a justiça social; Educação sexual; Gênero e sexualidade.

Abstract

The paper aimed to reflect on the challenges and possibilities for the approach of menstruation in the teaching of biology from a perspective of social justice and discussion of power relations, through the characterization of the senses mobilized by students of the eighth grade of a school in Bogotá, Colombia, at the beginning and end of a didactic proposal. Recognizing that traditionally the themes of the body are approached in a hygienist, deterministic and biomedical way, we worked in Science classes, a didactic proposal that would allow the construction of other senses about menstruation. The characterization of these senses constructed by the student at the beginning, and at the end of the proposal demonstrate the importance of problematizing machism, concepts of gender identity, the articulation between capitalism and body control for the political formation of the student and changing the views on menstruation.

Keywords: Menstrual education; Education for social justice; Sexual education; Gender and sexuality.

Introdução

Nos últimos anos, vários autores têm proposto refletir sobre brechas na educação em ciências e biologia, como espaço de luta, procurando trabalhar com outras formas e conteúdos, seja com estudantes nas escolas, seja na formação de professoras(es), como territórios de problematização de legados coloniais sobre nossas identidades na branquitude e na cisgeneridade (MARIN, NUNES & CASSIANI, 2019, MONTEIRO et all, 2019; CASSIANI & LINSINGEN, 2019). Essas brechas a que nos referimos podem constituir oportunidades para se discutir as estruturas de opressão e de desigualdade construídas social, cultural e historicamente pela herança colonial. Nesse caminho, destacamos que problematizar a cisgeneridade pode contribuir para a reflexão dos valores e características da biologia como ciência ocidental, e, sobre seu papel no combate às desigualdades sociais e as discriminações opressões que marcam os e as sujeitas.

Nessa perspectiva, a menstruação é uma temática muito importante na educação em ciências, por ser um processo vivenciado pela metade da população do mundo. É percebida de maneira variada de acordo ao contexto histórico e cultural. Porém, Zallocco (2019) destaca que a menstruação tem sido regulada, familiar e educativamente silenciada e socialmente castigada ao longo da história, principalmente nas sociedades ocidentais, inclusive, na atualidade. A autora ainda menciona que na sociedade atual, a influência do saber biomédico na educação, os materiais pedagógicos para falar sobre o ciclo menstrual e a indústria publicitária têm contribuído para associar à menstruação com uma alta carga simbólica negativa, associada ao medo, à vergonha e à opressão dos corpos que menstruam, as mulheres cisgênero, os homens trans, e algumas pessoas não binárias. Ruiz (2010) complementa destacando que:

La menstruación ha tenido que ver con múltiples formas de relaciones de poder. Desde su historia, hemos podido ver como las formas en que se ha construido no son inocentes, de modo que apuntan a marcar diferencias y reafirmar relaciones asimétricas de poder. Los discursos asociados a la menstruación también tienen que ver con las dimensiones políticas, económicas, religiosas y culturales de las sociedades. (p. 26).

Existe o imaginário de que o ensino de biologia é o espaço escolar mais apto para abordar o processo da menstruação, especialmente, quando conteúdos sobre educação sexual ou sistema endócrino/hormonal são trabalhados. A perspectiva de abordagem da menstruação na escola é predominantemente biomédica.

Este trabalho teve por objetivo refletir sobre os desafios e possibilidades para a abordagem da menstruação no ensino de biologia em uma perspectiva de justiça social e discussão de relações de poder e uma educação antimachista, por meio da caracterização dos sentidos mobilizados por estudantes da oitava série de uma escola de Bogotá, Colômbia, no começo e final de uma proposta didática desenvolvida na aula de biologia.

A menstruação no ensino de biologia: desafios e possibilidades

Considerando que na escola a abordagem do ciclo menstrual, e no geral, os assuntos relacionados com a sexualidade e a corporalidade são delegados ao ensino de biologia, geralmente numa perspectiva higienizante e heteronormativa, que naturaliza a cisgeneridade como única possibilidade de ser/estar no mundo, são diversos os problemas levantados no ensino da menstruação na educação em ciências. Destacamos a seguir alguns desses problemas, evidenciando a necessidade de pensar novos caminhos para inserir a menstruação nos contextos escolares numa perspectiva de justiça social:

- A associação dos assuntos da sexualidade e da corporalidade como risco iminente, com sentidos na base do medo, do silêncio, da vergonha, da piada e do ocultamento (ZALLOCCO, 2019);

- O ensino desde o modelo exclusivamente biomédico não inclui a diversidade de significações corporais com as quais as pessoas convivemos e que também se relacionam com desigualdades sociais (KOHEN, MEINARDI, 2016);

- A limitada problematização das relações de poder e de violência da ciência sobre os corpos que menstruam. Por exemplo, algumas denominações da ciência para partes desses corpos funcionam como propriedade masculina “Trompas de Falópio”, “Glândulas de Bartholin”. Homens cientistas que realizaram “descobertas” na experimentação, violentando mulheres racializadas e escravizadas (ZALLOCCO, 2019);

- Quando abordada, a menstruação é associada a uma “coisa de mulheres” e como disciplinamento da corporalidade, como a necessidade de ocultar qualquer mostra de sangramento, aquilo que ninguém deve saber (ZALLOCCO, 2019);

- Acontece uma hierarquização de saberes no ensino da menstruação, e no geral, da sexualidade. Saberes biomédicos são colocados como mais importantes que a experiência vivida pelos sujeitos nos processos educativos. É tirada a possibilidade dos sujeitos de considerar os próprios saberes sobre seus corpos, superpostos pela linguagem dos expertos da medicina e da biologia (KOHEN, MEINARDI, 2016). Ou seja, não existe sujeito no ensino da menstruação, existem máquinas de órgãos interconectados a serem disciplinadas;

- O ensino de menstruação não está livre dos interesses do sistema econômico de nossas sociedades e de heranças coloniais. Ao impor um saber sobre o corpo, também se naturaliza a necessidade de venda e compra de produtos e a colocação do corpo como mercadoria (KOHEN, MEINARDI, 2016). O silenciamento de outros saberes sobre a

menstruação, também pode contribuir para a escolha massiva de absorventes não reutilizáveis, como única alternativa apresentada;

- O silenciamento, sobre o tema, impede que sejam discutidos diversos mitos que circulam sobre a menstruação. E quando são discutidos, muitas vezes essas discussões acontecem não tanto sobre a saúde da mulher ou do corpo que menstrua, e sim, sobre as preferências e problemas do parceiro, sempre num marco heteronormativo. Por exemplo, às vezes é ensinado que não se deve ter relações sexuais durante a menstruação, não pela saúde do corpo que menstrua, mas sim pelo conforto do parceiro (RUIZ, 2010).

Concordamos com Zallocco (2019) quando menciona que esse lugar do “raro”, “escondido”, “silenciado”, que tem se atribuído à menstruação na escola, pode ser aproveitado como potência. Segundo a autora, para além de colocar a menstruação como algo “normal” na escola, devemos aproveitar seu potencial de imaginário de “coisa rara”, para promover discussões e diálogos profundos sobre o corpo, a sexualidade, opressões históricas, diálogos de saberes, novas possibilidades de sociedade. No ensino de ciências e biologia, uma abordagem crítica e política da menstruação pode fortalecer a educação científica voltada para a justiça social. Por isso, queremos destacar também algumas potencialidades, as quais poderiam ser aproveitadas com outras abordagens sobre a menstruação na educação em ciências.

- Permite o diálogo com saberes decoloniais e dos feminismos. As relações que algumas mulheres e corpos que menstruam estabelecem de autoconhecimento, coletividade, relação com a natureza, com o ciclo lunar ou utilizando seu sangue para regar plantas. A menstruação e o sagrado como saberes ancestrais;

- Permite discutir as relações de poder da ciência e suas articulações com os interesses das burguesias. Problematizar como o surgi-

mento do saber biomédico sobre a menstruação está ligado ao aumento de práticas de mercado e acumulação de capital;

- Permite discutir desigualdade de gênero. Por exemplo, se uma pessoa que menstrua ganhasse o mesmo salário que um homem cisgênero, parte do seu salário iria para a compra de produtos higiênicos que homens cisgêneros não têm que comprar, gerando uma desvantagem econômica;

- A divisão do espaço público e privado na sociedade. O público como privilégio masculino, e o espaço privado destinado ao feminino. A vergonha, construída socialmente sobre a menstruação, impede que mulheres cisgênero e homens trans possam desfrutar plenamente do espaço público, entre eles a escola;

- Refletir sobre novas masculinidades ao permitir que meninos e jovens também aprendam sobre a menstruação, questionando o porquê de afirmar que a menstruação é “coisa de mulher”;

- Permite a abordagem de questões ambientais ao analisar outras alternativas que não sejam os absorventes não reutilizáveis, explorando opções como o coletor, os panos ecológicos, entre outros. Essas abordagens permitem também diálogos interseccionais com as categorias de raça e classe, pois a acessibilidade a esses produtos está condicionada por esses aspectos;

- A discussão de conceitos como identidade de gênero. Só as mulheres cisgênero menstruam? Podemos abordar também a relação com a menstruação nos homens trans e nas pessoas não binárias.

Nesse sentido, destacamos que o ensino do processo da menstruação na escola, particularmente no ensino de biologia, pode representar uma potência, enquanto esse ensino aconteça de maneira crítica e para além do ensino de nomes de hormônios e glândulas do sistema endócrino, embora consideramos que aprender esses nomes também é muito importante. Colocar o ensino da menstruação em uma perspectiva de justiça social implica dar uma ênfase especial nas relações de

poder e suas articulações com a ciência para o controle dos corpos que menstruam, especialmente da mulher cisgênero, e a construção de um nicho do capital a partir da elaboração de produtos higiênicos dirigidos a esses corpos. A seguir, apresentamos uma experiência desenvolvida com estudantes do ensino fundamental em uma escola de Bogotá (Colômbia) nas aulas de biologia, abordando a menstruação nessa perspectiva de justiça social.

Caminhos Metodológicos

Esta proposta de pesquisa encontra-se demarcada na proposta de pesquisa-ação, entendendo, como menciona Thiollent (1998) que a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa com base empírica e que se realiza em associação com uma ação, sendo necessário o envolvimento do pesquisador, desempenhando um papel ativo de intervenção no problema identificado.

Contexto: A experiência foi desenvolvida numa escola particular da cidade de Bogotá, capital da Colômbia, com cinquenta estudantes do oitavo ano nas aulas de biologia. A escola, embora localizada numa região periférica da cidade, é habitada por estudantes de renda média-baixa. As idades das e dos estudantes se encontram entre os 13 e 15 anos. 28 estudantes se identificam como homens cisgênero e 22 estudantes como mulheres cisgênero. A necessidade de trabalhar a temática da menstruação com o alunado derivou-se de três situações:

No começo do ano escolar, em uma reunião entre diretoras e professorado da escola, deu-se uma discussão sobre como abordar uma situação que vinha se apresentando em anos anteriores de que “meninas fingiam ter dores para furar aula, além da escola ter que assumir o custo de absorventes de meninas que não vinham preparadas na escola”. Assim como outras falas que demonstraram que a menstruação atravessa discursos relacionados com o econômico, o controle e a desconfiança da escola;

Ao longo do ano escolar, em muitas ocasiões evidenciou-se piadas por parte dos meninos para com as meninas e atos de vigilância sobre seus corpos, fazendo com que as meninas se sentissem envergonhadas, para se expressar livremente e utilizar o espaço público da escola nos dias que estavam vivenciando a menstruação. Em algumas ocasiões as meninas manifestaram abertamente a insegurança que sentem nesses dias por conta do desconforto causado pelas atitudes dos meninos, e

Como proposta curricular na área de biologia da escola, apareceu a temática do sistema endócrino e os hormônios no corpo humano. Portanto, a menstruação apresentou-se como uma temática curricular importante para abordar esses conteúdos.

A proposta foi desenvolvida de maneira virtual já que aconteceu no período de pandemia por conta da COVID-19. O professor que orientou a proposta de ensino e aprendizagem é um homem cisgênero homossexual (*Marica*², como o professor prefere se autoidentificar), sendo ele também um dos autores deste trabalho.

Atividades de ensino e aprendizagem

As atividades propostas foram desenvolvidas em seis sessões cada uma com duração de duas horas. As sessões foram realizadas de maneira síncronas e complementadas com algumas atividades assíncronas. As atividades realizadas são apresentadas na tabela 1. Imagens e registros fotográficos relacionados com algumas das atividades desenvolvidas na proposta didáticas são apresentados na figura 1 (A, B, C, D).

2 *Marica*, na Colômbia é um termo utilizado inicialmente de maneira pejorativa aos homens afeminados e/ou homossexuais. Atualmente, como reivindicação política, alguns assumem *marica* como posicionamento político de dissidência sexual e como forma de fugir da categoria de “gay”, pelo seu sentido higienizado e a favor das lógicas liberais capitalistas.

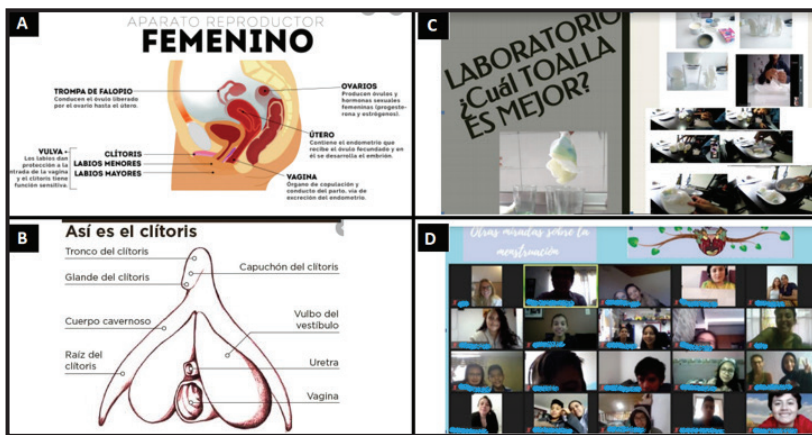
Tabela 1: Atividades de ensino e de aprendizagem desenvolvidas.

Atividade	Descrição
Reconhecimento de sentidos prévios	As e os estudantes realizaram uns desenhos respondendo à pergunta: Como seria o mundo se os homens cisgênero também menstruassem? Permitindo reconhecer os sentidos prévios que associam à menstruação, entre eles, a vergonha, o medo, a limitação de curtir o espaço público, a desigualdade de gênero que se reforça na sociedade pela forma em que a menstruação é compreendida.
Discussão sobre “aparelhos” “reprodutores” e “hormônios” (Figura 1A)	Foram abordados os “aparelhos” “reprodutores” que aparecem no livro de biologia, promovendo um debate de por que se chama aparelho? Por que reprodutor? E os sistemas intersexuais a nível de gônadas e genitais? Por que feminino ou masculino? Foi problematizado por que algumas partes do corpo considerado feminino carregam o nome de cientistas que exploraram mulheres racializadas nas suas “descobertas”
Conhecendo o clitóris: O prazer na sala (Figura 1B)	Nessa Aula o protagonista foi o clitóris. Realizou-se um debate sobre a importância do prazer para o corpo e das poucas vezes que é falado sobre prazer feminino na escola e na sociedade. Foi questionado a ideia de reprodução como norma na sociedade que faz com que questões como o prazer ocupem lugares secundários na explicação de processos sobre o corpo. Nessa aula foi realizada uma apresentação sobre a relação entre hormônios, ciclo menstrual e prazer.

<p>Laboratório: Qual absorvente retém mais líquido? (Figura 1C)</p>	<p>Em uma aula síncrona, foi realizado um “laboratório” para comparar a capacidade de absorção de líquidos com diversas viscosidades por absorventes de três marcas diferentes. Utilizando materiais como água, óleo, leite e gelatina vermelha, as e os estudantes trocaram saberes sobre os absorventes gerando uma discussão sobre seu conforto, alto custo, contaminação no ambiente já que não são biodegradáveis, entre outros.</p>
<p>Sentires decoloniais sobre a menstruação: Diálogos com movimentos sociais e famílias (Figura 1D)</p>	<p>Foi realizada uma conversa que juntou as e os estudantes e suas famílias, e também, quatro convidadas que conversaram sobre diversas perspectivas sobre a menstruação. Foi abordado o uso do coletor, a relação de autoconhecimento do processo, o sangue menstrual como algo sagrado para além de “lixo”, por exemplo, regando plantas. Conhecimentos ancestrais sobre a menstruação e sua relação com os ciclos da lua. Desigualdade de gênero na distribuição do espaço público por conta do tabu sobre a menstruação.</p>
<p>Elaboração final de contos</p>	<p>Como produto final, as e os estudantes desenvolveram um conto abordando aspectos científicos e sociais, da desigualdade de gênero, em relação ao processo de menstruação. Com essa atividade foi possível evidenciar algumas mudanças nos sentidos atribuídos pelas e pelos estudantes sobre a menstruação.</p>

A atividade de diálogo com os movimentos sociais e as famílias foi uma atividade relevante da proposta de ensino considerando como menciona Marin (2020) que o corpo no ensino de biologia não deve entrar só como tema, mas também, como reflexão de quais corpos aprendemos, os saberes de quais corpos são considerados importantes de serem considerados no ensino de ciências e biologia.

Figura 1. Imagens referentes a algumas atividades da proposta didática. 1A) Slide apresentado para discussão sobre os discursos associados à reprodução e a nomenclatura masculina sobre órgãos como a “trompa de falópio”. 1B) Slide apresentado na abordagem do prazer e do silenciamento do clitóris, discutindo como as poucas representações disponíveis não mostram a variedade de formatos e cores dos clitóris. 1C) Fotografias do laboratório realizado com absorventes em encontro síncrono, com algumas fotografias do processo enviadas pelas e pelos estudantes. 1D) Registro de reunião virtual entre estudantes, alguns integrantes das famílias, psicorientadora da escola, professor e convidadas para abordar outros olhares sobre a menstruação.



Fonte: Autores.

Análise dos sentidos construídos pelo alunado:

As análises foram desenvolvidas em dois momentos de maneira qualitativa. Inicialmente, foram analisados os desenhos produzidos pelo alunado na primeira sessão respondendo à pergunta: Como seria o mundo se os homens cisgênero também menstruassem? Nesse momento, era importante reconhecer as relações de poder que as e os estudantes colocassem, ou não, nesses desenhos. O outro momento da análise,

tratou-se dos contos finais que o alunado construiu reconhecendo novos sentidos mobilizados nessas produções.

Tanto as e os estudantes, como seus responsáveis legais, assinaram termo de consentimento livre autorizando o uso das suas produções com fins exclusivos nas análises, bem como a preservação de dados relacionados com a identidade. Por isso, os desenhos e produções das e dos estudantes são identificados com códigos aleatórios.

Resultados e discussões

Os sentidos construídos pelo alunado no desenvolvimento da proposta didática são apresentados em dois momentos, sendo eles: os desenhos que desenvolveram na primeira sessão; os contos que construíram na última sessão. Com isso, não pretendemos mostrar ou defender uma noção de progresso linear nos resultados, e sim, que alguns sentidos mudaram ou permaneceram no transcurso da proposta.

Sentidos iniciais:

Como seria o mundo se os homens cisgêneros também menstruassem?

Quando pedido as e aos estudantes desenhar como imaginam que seria o mundo se homens cisgênero também menstruassem, encontramos que eles reconhecem diversas relações de poder em torno da menstruação e certa formação política que faz com que manifestem sentidos críticos nesses desenhos. Na figura 2, por exemplo, uma estudante expressou que se homens cisgêneros também menstruassem, o privilégio masculino não desapareceria, já que as práticas da masculinidade de proteção entre homens se manteriam para manter mulheres em posições subalternizadas.

Figura 2. Desenho de uma estudante: Como seria o mundo se homens cisgênero também menstruassem? (Estudante 001). Tradução “-Homem de camisa laranja: Chefe, pode me dar essa semana de folga? É que estou com a menstruação; Chefe: Claro, mas não fale nada para nenhuma mulher, não posso permitir que mais ninguém falte no trabalho essa semana”.



Fonte: autores.

Esse aspecto pode estar relacionado como as novas gerações estão discutindo mais sobre a temática, especialmente em espaços promovidos pelos meios de comunicação. Segundo Ruiz (2010) novas gerações estão falando com mais facilidade sobre a menstruação que pessoas de gerações mais velhas. A visibilidade das lutas feministas pode levar os mais jovens a reconhecer as relações de poder e o machismo estrutural, antes pouco discutidos.

Os sentidos iniciais das e dos estudantes mostram também senso crítico em relação às práticas mais estruturais, tais como o crescimento do mercado dos produtos higiênicos. Parece um aspecto evidente pensar que com mais pessoas menstruando, aumentaria o mercado de produtos higiênicos para o processo da menstruação (Figura 3). Porém, ainda na atualidade em algumas regiões do mundo, por motivos cultu-

rais ou econômicos, muitas mulheres cisgênero não têm acesso a esses produtos, ou inclusive, a uma educação menstrual.

Figura 3. Desenho de um estudante: Como seria o mundo se homens cisgênero também menstruassem? (Estudante 02). Tradução: “Lojas para casos da menstruação e laboratórios para isto [...] Como se mostra no desenho, se todos menstruassem, haveria muitos negócios para casos de menstruação (os pontos vermelhos), ou haveria mais estudos sobre esse tema. Por outro lado, já não haveria desigualdades sociais em relação ao tema, já que a pessoa estaria rindo de algo que também acontece com ele”.



Fonte: autores.

Na colocação do estudante 02 no seu desenho, de que “já não haveria desigualdades sociais em relação ao tema, já que a pessoa estaria rindo de algo que também acontece com ele” se faz implícito que o estudante reconhece que atualmente se apresenta desigualdade social em relação ao processo da menstruação. Essa desigualdade parece estar relacionada com o sentido de piada ou vergonha com o qual o processo é tratado. O estudante destaca que talvez esses homens cisgêneros, já não fizessem mais piadas sobre a menstruação, indicando que o estudante percebeu que, homens cisgêneros utilizam a menstruação como forma de vigiar o corpo das mulheres e causar sentimento de vergonha por um processo natural.

Segundo Zallocco (2019) quando a menstruação é trabalhada na escola, ou mesmo, na sociedade em geral, as emoções geradas são vergonha, nojo, desconforto, piada e, em menores proporções, o interesse e a curiosidade. Da mesma maneira, Amat e Torres (2019) encontraram na sua pesquisa que são os homens cisgêneros que têm uma visão mais estereotipada do evento da menstruação e, portanto, aqueles que mais reforçam esses estereótipos em diversas práticas discursivas na escola.

O sentido da vergonha e o mito do excessivo sangrado (em conversas durante as aulas alguns meninos chegaram a manifestar que o sangue menstrual descia por litros) se fez presente em alguns desenhos (Figura 4). O mito de que necessariamente o sangramento menstrual é muito abundante, especialmente na primeira menstruação, como parte do imaginário das e dos jovens, é apontado também na pesquisa de Rendón (2014). Segundo ela, além desse mito, existem outros que reforçam estereótipos sobre as pessoas que menstruam, tais como: a instabilidade emocional pela menstruação, que a menina passa a ser mulher quando menstrua, que está pronta para ter namorado.

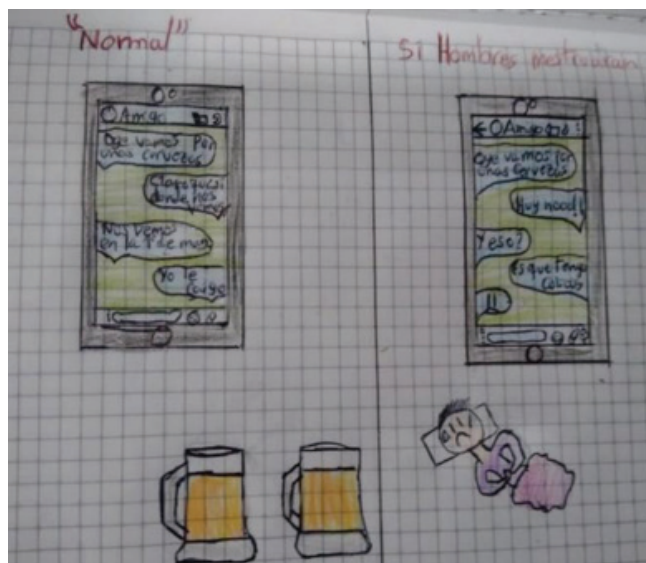
Figura 4. Desenho de um estudante: Como seria o mundo se homens cisgênero também menstruassem? (Estudante 003). Tradução: “No banheiro... Porque chegou hoje, não posso com a dor, além disso esqueci meu absorvente”.



Fonte: autores.

A limitação do desfrute do espaço público para os homens cisgêneros, como uma consequência do que aconteceria se esses homens também menstruassem, foi destacado por uma estudante na figura 5. Indiretamente, a estudante reconhece que na atualidade, pelo estereótipo social, desfrutar o espaço público não é um privilégio para as mulheres cisgêneros e os homens trans, aspecto que pode se ver reforçado quando a mulher cisgênero ou o homem trans vivenciam seu período de menstruação. Isso se relaciona com o imaginário de vergonha sobre a menstruação que circula na sociedade, e, que Amat y Torres (2019) destacam que é reproduzido, inclusive por meninas e meninos muito antes da adolescência.

Figura 5. Desenho de um estudante: Como seria o mundo se homens cisgêneros também menstruassem? (Estudante 004). Descrição: No desenho, a estudante menciona que na atualidade um homem cisgênero pode beber umas cervejas tranquilamente com seus amigos, mas se ele menstruassem, talvez não compareceria a esses encontros”.



Fonte: autores.

Nos desenhos do alunado também é possível reconhecer, o sentido de privilégio masculino previamente mencionado. Na sociedade atual são várias as coisas que homens e mulheres poderiam fazer, por exemplo, ter vários ou várias parceiras sexuais. Porém, quando isso acontece nos homens é visto como símbolo de masculinidade, enquanto nas mulheres é percebido de maneira pejorativa. Da mesma maneira, uma estudante (Figura 6) destaca que se no caso de homens cisgêneros menstruassem, provavelmente a menstruação seria considerada símbolo de masculinidade nos homens, e não símbolo de vergonha como acontece na nossa sociedade com as mulheres cisgêneros e homens trans.

Figura 6. Desenho de uma estudante: Como seria o mundo se homens cisgêneros também menstruassem? (Estudante 05). Tradução parágrafo parte inferior direita: “Talvez, fariam alarde dessa situação como se fosse sinônimo de masculinidade”.



Fonte: Autores.

É importante destacar que, nesses sentidos iniciais, não apareceram outras alternativas para além dos absorventes mais comuns no mercado. Zallocco (2019) destaca que as abordagens higienistas da menstruação na escola reforçam os absorventes (em espanhol: *toallas higiénicas*), e em alguns casos, os absorventes internos (em espanhol: *tampones*) como as únicas alternativas de produtos para uso neste momento, especialmente pela sua relação com uma higiene adequada para não causar desconforto aos outros, e não pela própria saúde ou conforto da pessoa que menstrua. As pessoas trans também não são mencionadas nos desenhos das e dos estudantes.

Reconhecemos que os desenhos das e dos estudantes não somente evidenciam certo conhecimento sobre desigualdades de gênero em relação à menstruação ou a reprodução de certos estereótipos, mas

também mostram uma potência crítica, formação política e contra as opressões para nutrir a educação em ciências e biologia. Assim, caberia nos perguntar, a partir dessa temática tão importante sobre um fenômeno do corpo da mulher cisgênero e homens trans, tão corriqueiro e tão silenciado: quanto perdemos quando abordamos menstruação em sala unicamente desde uma perspectiva biomédica, higienizada, sem mobilizar essas discussões que elas e eles podem trazer? Defendemos que, os saberes das subjetividades dos sujeitos do processo escolar, podem contribuir a realizar abordagens mais alinhadas com assuntos de justiça social e não só na repetição de conceitos, promovendo reflexões tão importantes para a vida das pessoas.

Sentidos outros construídos

Os sentidos expressados pelas e pelos estudantes na primeira sessão serviram como fonte de ricas e potentes discussões, ao longo das atividades na proposta didática. Mais que uma sobreposição de ideias, a proposta didática foi pensada como uma possibilidade de problematização, diálogo e trocas entre professor, estudantes, famílias e movimentos sociais, abrindo possibilidades para construir outros sentidos sobre a menstruação. Sentidos que explorem outras possibilidades e não aqueles que conduzem para um único sentido, fiel e verdadeiro. Sentidos não pautados no controle dos corpos que menstruam e suas vivências na sociedade ou na repetição memorística de conceitos de biologia. Mas sim, pautados em discutir o assunto, incluindo perspectivas científicas e sociais para pensar nas possibilidades de um mundo mais justo. Essas discussões e trocas permitiram problematizar, que as temáticas sobre justiça social, não passam só pelas questões econômicas, mas também pela justiça em relação aos assuntos do corpo, pois nossa estrutura social e práticas culturais, determinam que, um processo natural como é a menstruação, determine o lugar e as possibilidades dos corpos na sociedade.

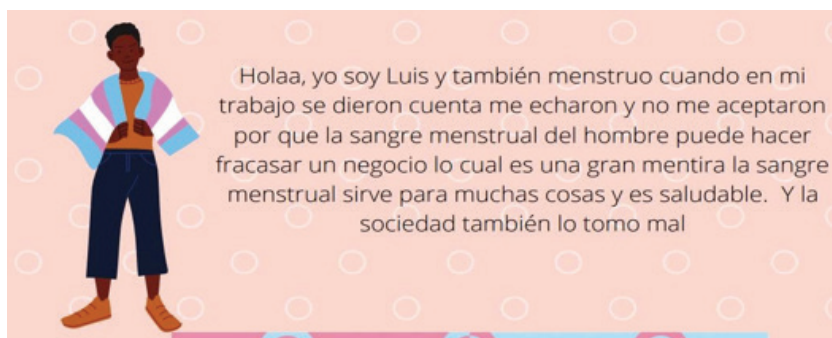
A seguir, ressaltamos alguns desses sentidos outros que apareceram na elaboração final das e dos estudantes de seus contos sobre a menstruação. Abrindo *grietas*, brechas, num ensino de ciências e biologia, que se reforça na norma da cisgeneridade e se legitima cientificamente como única possibilidade natural dos corpos. Abrindo fissuras num ensino que aposta que qualquer outra vivência de gênero, que não seja a vivência cisgênero, é considerada desvio cultural. Uma dessas brechas é a possibilidade de problematizar os próprios conceitos de identidade de gênero. Inicialmente a discussão sobre a menstruação aparece colocada de maneira binária, pensando corpos pré-estabelecidos pela natureza, uma coisa das mulheres, em oposição aos homens que não vivem esse processo. Porém, é importante reconhecer como menciona Vergueiro (2015) que a identidade de gênero cis também é uma construção carregada de subjetividade e relações de poder. Os próprios estereótipos sobre a menstruação constituem relações de poder que condicionam a construção da identidade de ser mulher na sociedade.

Vergueiro (2015) destaca três traços interdependentes da cisgeneridade como normatividade social. a) Pré-discursividade, como o entendimento construído histórico, social e culturalmente de que é possível definir sexos-gêneros a partir de critérios objetivos e de características corporais independentemente de autopercepções e contextos; b) Binariedade, como a ideia de que os corpos “normais” estão definidos a partir de duas, e somente duas alternativas, caixinhas (macho/homem, fêmea/mulher); c) Permanência, como a premissa de que os corpos apresentam coerência binária, fisiológica e psicológica ao longo da vida das pessoas.

Ensinar ciências e biologia em perspectiva de justiça social permite problematizar essas relações de poder tão naturalizadas na sociedade. O conto de uma estudante que teve como protagonista um homem trans preto (Figura 7) girou em torno da discussão de que nem todas as mulheres menstruam, ou seja, menstruação não é regra para ser mulher. Por

diversos motivos emocionais, ambientais e biológicos algumas mulheres cisgênero podem não menstruar. Mulheres trans não menstruam. Da mesma maneira, alguns homens trans menstruam, embora essa seja uma realidade muito invisibilizada no ensino de ciências.

Figura 7. Parte do conto de uma estudante (06). Tradução: “Olá, sou o Luís, e também menstruo. Quando no meu trabalho perceberam fui demitido e não me aceitaram porque o sangue menstrual do homem pode fazer fracassar um negócio, mas isso é uma grande mentira, o sangue menstrual serve para muitas coisas e é saudável”.



Fonte: autores.

Outro sentido, construído na experiência, consistiu na importância de pensar para além dos absorventes como a melhor alternativa universal de produto para o cuidado menstrual. Não só pelo seu impacto ambiental, mas sim, pela própria saúde das pessoas que menstruam. Absorventes externos ou internos podem ser os produtos mais confortáveis para as pessoas que menstruam. Mas conhecer outros produtos é importante para poder fazer essa afirmação. E cada caso é particular, não existe uma norma geral. Problematizar sentidos para além do absorvente permite tecer discussões econômicas, ambientais, das subjetividades de cada corpo.

No conto de um estudante (Figura 8), o coletor (em espanhol: copa menstrual) aparece como uma possibilidade que um pai recomenda para sua filha, destacando algumas potencialidades deste produto.

Figura 8. Parte do conto de uma estudante (08). Tradução: “- Pega esse dinheiro e sai para comprar um coletor. Geralmente são muito confortáveis, não te produzem doenças, têm uma duração entre cinco anos, sempre e quando tenhas um bom uso higiênico dele”.

-Ten dinero y sal a comprar en la droguería una “Copa menstrual”, por lo



general son muy cómodas, no te producen ningún tipo de enfermedad y te dura entre 5 años, siempre y cuando le tengas un muy buen uso higiénico.

Fonte: autores.

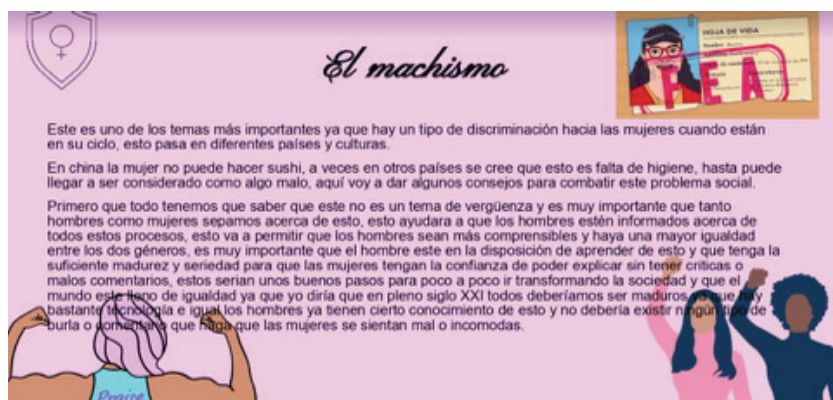
Nesse trecho do conto da figura 8, evidenciamos a importância de mobilizar a discussão do uso de produtos higiênicos, seja qual for, pelo conforto e saúde da pessoa que menstrua (RUIZ, 2010) e não exclusivamente pelo conforto das pessoas que podem interagir com a pessoa que menstrua, especialmente o parceiro ou parceira sexual.

Outro sentido que queremos destacar é a possibilidade que ofereceu a interação na proposta didática, relacionada às reflexões sobre o machismo na sociedade como prática de violência que privilegia simbólica e materialmente a masculinidade hegemônica, enquanto vulnera direitos e limita espaços para as feminidades. Ou seja, problematizar a menstruação em um olhar de justiça social permite construir discussões

sobre o papel que tem meninos e meninas da sala de aula na reprodução de práticas machistas e como a própria instituição escolar pode reforçar essas relações de poder. Como destaca Zallocco (2019) essa discussão aparece quando meninos destacam com naturalidade frases como “Ainda bem que eu não sou mulher”, “a menstruação é positiva porque mostra que a mulher não está grávida”, sem uma discussão das bases machistas que estruturam essas expressões.

O conto de uma estudante (Figura 9) destaca a importância desse envolvimento de homens cisgênero em não reproduzir práticas machistas em torno da menstruação. A educação menstrual também deve estar dirigida aos homens cisgênero para que reflitam sobre suas práticas de masculinidade que lhes fazem pensar que têm o poder de fiscalizar, vigiar e controlar os corpos das pessoas que menstruam.

Figura 9. Parte do conto de uma estudante (08). Tradução de um trecho: “É muito importante que tanto homens como mulheres conheçamos sobre isto, pois ajudaria a que homens estejam informados sobre todos esses processos, e vai permitir que eles sejam mais compreensivos e se tenha uma maior igualdade entre os gêneros. É importante que o homem esteja na disposição de aprender e que tenha suficiente maturidade e seriedade para que as mulheres tenham a confiança de explicar sem receber críticas ou comentários ruins”.



Fonte: autores.

O sentido de problematizar o machismo perpassa também a ciência que ensinamos, pois no ensino da menstruação é possível também tecer questionamentos sobre a ginecologia e outras áreas da medicina que historicamente têm sido dominadas por homens cisgênero e brancos, estudando como cobaias os corpos de mulheres cisgênero racializadas. Esse interesse de controle tem causado inclusive, em alguns momentos históricos, nem sempre tão distantes, que sejam realizadas afirmações pela ciência relacionadas com a menstruação que não têm sentido, nem evidência empírica. Como exemplo, Ruiz (2010) destaca que na Colômbia, no século XIX:

Los médicos reconocían que las mujeres tenían “aptitudes fisiológicas especiales” y contrario a los hombres que tenían un comportamiento sanguíneo y sano, las mujeres –gracias a la pérdida de sangre- llevaban una vida anémica. La frecuente comparación entre el cuerpo femenino y el masculino es importante porque una vez se definía ésta, se encontraban elementos que permitían plantear una diferencia asimétrica que sustentaba los roles, la dominación y la desigualdad entre los sexos. Sobre las enfermedades femeninas los tratados tenían múltiples descripciones y asociaciones, así por ejemplo al igual que lo describe Van del Walle (Op. Cit.: 11), se creía que la desviación del útero en algunas mujeres se debía a que éste era “errante”, un animal en movimiento (Restrepo, Op. Cit.: 34). Esta creencia heredada del pensamiento hipocrático, establecía que la matriz podía moverse por todo el cuerpo femenino de modo que, al no estar alineada con la vagina, la sangre debía buscar otro órgano para ser evacuado causando efectos en otras partes del cuerpo como la cabeza, el corazón, el hígado, la vejiga o los pulmones (Van der Walle, Op. Cit.). (RUIZ, 2010, p. 24).

Embora esse sentido de problematizar as práticas machistas em alguns momentos históricos da ciência não tenha sido explicitamente abordado nos contos das e dos estudantes, consideramos que abordá-lo

na proposta didática permitiu que outros discursos fossem fortalecidos. Inclusive, porque essa abordagem também permitiu reconhecer as resistências das mulheres cisgênero, perante essas práticas e outros conhecimentos, que construíram para lutar contra essas opressões.

Considerações finais

Embora ainda que a abordagem da menstruação no ensino de ciências e biologia represente um grande desafio, seja pelo silenciamento da temática, pela perspectiva exclusivamente biomédica ou pela reprodução de estereótipos, neste trabalho destacamos que propor outras abordagens traz potência para a educação em ciências e biologia, voltada para a justiça social. Essas abordagens outras devem necessariamente considerar os sentidos que as e os estudantes trazem desde suas subjetividades, que como foi mostrado neste trabalho, nem sempre são sentidos limitados aos sentimentos de vergonha ou piada sobre a menstruação, pelo contrário, apresentam relações de poder que são interessantes e importantes de se discutir em sala de aula.

Nesse sentido, destacamos que as potências dessas outras abordagens aqui propostas sobre a menstruação não estão nos dados, informações e certezas que oferecem, e sim, nas problematizações que passam desde aspectos estruturais da sociedade, até aspectos mais subjetivos e da corporalidade. Muito mais que a mudança de concepções, a riqueza está nesse processo de discussão, troca e diálogo mais do que nas respostas finais construídas. Como destaca Zallocco (2019):

Necesitamos sentipensar y abocarnos a la tarea de gestar currículos polifónicos, desde la diversidad, que más que prometer soluciones aseguren curiosidades y preguntas interminables que logren conminar nuestros intereses en nuevas preguntas y búsquedas en vez de ofrecer respuestas únicas e inequívocas. (ZACCOLLO, 2019, p. 247).

Entendemos que ensinar ciências e biologia na escola não consiste unicamente em assumir um compromisso com a ciência, que aliás, em relação à menstruação tem sido bem problemática historicamente, mas também, com a justiça social no marco das desigualdades que as pessoas que habitam a escola vivenciam. Portanto, aprender sobre hormônios, glândulas do sistema endócrino, órgãos e sistemas do corpo é muito importante. Porém, ensinar e aprender sobre o machismo na sociedade e na ciência, bem como repensar alternativas além dos absorventes industrializados, nesse mundo capitalista, e discutir conceitos como identidade de gênero e as marcas da cisnormatividade nos corpos, é também muito importante. Queremos encerrar este texto com a esperança de que, a abordagem desses aspectos apontados na educação em ciências e biologia ocupem um maior protagonismo, numa temática que até agora tem sido relegada ao lugar do tabu e da vergonha, mas na verdade, é potência para uma melhor educação científica.

Referências

AMAT, Stephanie; TORRES, Vanessa. **“Influencia contextual sobre las creencias y actitudes hacia la menstruación en estudiantes de cuarto y quinto de secundaria de instituciones educativas públicas y privadas de Arequipa”**. Trabajo de conclusión de curso, Escuela profesional de psicología. Universidad Católica de San Pablo. Perú. 2019.

CASSIANI, Suzani; LINSINGEN, Irlan. **Resistir, (Re) Existir e (Re) Inventar a Educação Científica e Tecnológica**. Florianópolis: Núcleo de Publicações NUP-CED, 2019. Disponível em <https://dicite.paginas.ufsc.br/files/2019/08/PDFinterativo-> Acesso em: 23/09/2020.

KOHEN, Micaela; MEINARDI, Elsa. **Problematizando las enseñanzas sobre la menstruación en la escuela: lo disimulado, lo negativo, lo silenciado**. Bio-grafías, v. 9, n. 16, p. 179-183, 2016.

MARÍN, Yonier. **Repensando o corpo no ensino de ciências e biologia a partir de diálogos entre discursos decoloniais africanos e das travestis na América Latina**. Educação, cultura e sociedade, v. 10, n. 1, p. 259-275, 2020.

MARIN, Yonier; NUNES, Pamela; CASSIANI, Suzani. **A Branquitude e a Cisgeneridade problematizadas na formação de professoras(es) de Ciências e Biologia: Uma proposta decolonial no estágio supervisionado**. Revista Ensino, Saúde e Ambiente – Número Especial, pp. 225-238, Junho. 2020

MONTEIRO, Bruno; DUTRA, Débora; CASSIANI, Suzani; SANCHEZ, Celso; OLIVEIRA, Roberto. **Decolonialidades na Educação em Ciências**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2019. (Coleção Culturas, Direitos Humanos e Diversidades na Educação em Ciências).

RENDÓN, María. **Conocimientos y mitos que tienen sobre el ciclo menstrual, niñas comprendidas entre las edades de 10 a 13 años, estudiantes de un colegio privado, ubicado en la zona 8 de Mixco.** Trabajo de conclusión de curso, Programa de Licenciatura en Psicología Clínica, Universidad Rafael Landívar, Guatemala. 2014.

RUIZ, Lina. **La sangre de las otras: cambios generacionales en la percepción de la menstruación y su relación con la dominación masculina.** Disertación Máster Erasmus Mundus en Estudios de las Mujeres y de Género, Granada, España, 2010.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** Cortez: São Paulo. 8a ed. 1998.

ZALLOCCO, Ornela. **Lo cuir de la menstruación en las aulas.** Revista de Educación, v. 10, n. 8, p. 233-250, 2019.